



SANTO SOUZA: A VOZ DECOLONIAL SERGIPANA

Eixo 1 - Políticas Públicas em Educação e Comunicação para a Diversidade de
Gênero e Étnico-racial

Carlos Alexandre Nascimento ARAGÃO¹

RESUMO: O presente trabalho busca trazer uma reflexão sobre a importância de trabalhar nas salas de aula das escolas sergipanas a vida e obra de escritores(as) negros(as) sergipanos(as), consolidando o que preconiza a Lei 10.639/2003, a qual está fazendo 20 anos de implantação no Estado brasileiro neste ano, 2023. Para isso é apresentado um breve panorama do olhar transgressor dos estudos desenvolvidos na área da Linguística Aplicada ao longo dos anos com base em Moita Lopes (2009), destacando o olhar decolonial à luz de Veronelli (2015) e de Matos (2019). Além disso, destaca-se o olhar de Gomes (2012) e Rouxel (2012) sobre a consolidação da legislação voltada ao ensino da história, cultura e literatura africana e afro-brasileira. Nesse percurso, destacamos o poeta sergipano Santo Souza como um exemplo de um eco decolonial em um espaço colonial.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Aplicada; Decolonialidade; Legislação; Literatura Sergipana.

ABSTRACT: The present work seeks to bring a reflection on the importance of working in the classrooms of Sergipe schools the life and work of black writers from Sergipe, consolidating what Law 10.639/2003 advocates, which is making 20 years of implantation in the Brazilian State this year, 2023. For this, a brief overview of the transgressive look of the studies developed in the area of Applied Linguistics over the years based on Moita Lopes (2009) is presented, highlighting the decolonial look in the light of by Veronelli (2015) and by Matos (2019). In addition, the look of Gomes (2012) and Rouxel (2012) on the consolidation of legislation aimed at teaching African and Afro-Brazilian history, culture and literature is highlighted. Along the way, we highlight the Sergipe poet Santo Souza as an example of a decolonial echo in a colonial space.

KEYWORDS: Applied Linguistics; Decoloniality; Legislation; Sergipe Literature.

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS); Doutorando na área de Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL); Professor da rede estadual de Sergipe e da Faculdade Pio Décimo de Canindé de São Francisco (FAPIDE); e-mail: cana_aragao@yahoo.com.br.



A Linguística Aplicada e a decolonialidade

A ampliação do campo de atuação da Linguística Aplicada (LA) é motivo de alegria para os linguistas aplicados, pois sua ampliação vem ocorrendo desde a década de 80 quando as pesquisas começaram a tomar novos rumos. Esse avanço caracteriza a LA como uma (in) disciplina, sem limites rígidos, híbrida e heterogênea, se constituindo como interdisciplinar/transdisciplinar, afirma Lopes (2009).

Smith (2000) corrobora com esse pensamento destacando que o linguista aplicado é um mediador entre prática e uma variedade de possíveis fontes disciplinares, sem que a prioridade seja necessariamente dada à linguística.

Nesse sentido, vale destacar a análise que Rocha & Daher (2015) e Menezes & Silva & Gomes (2009) fizeram nos anais dos IX e X Congressos da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) e em periódicos internacionais e brasileiros, respectivamente, evidenciando o olhar interdisciplinar da LA, mesmo que ocorra uma predominância da investigação do ensino/aprendizagem de línguas, mas a LA não pode isolar das demandas sociais que surgem e que são necessárias para amplitude dos seus estudos.

É preciso que o linguista aplicado esteja conectado com o sentimento social. Sem essa conexão haverá o complexo de inferioridade como afirma Adler. É preciso que a LA encontre seus pontos de autocentramento, assim como as insuficiências do modo como vem lidando com a dimensão social das práticas linguageiras. (ROCHA & DAHER. 2015.134)

Assim, o linguista aplicado assume um papel de linguista social, podendo mapear um social que se deixará aprender por meio da qualidade das trocas verbais que se atualizam e pelo modo como será capaz de lê-las.

Tal entrelaçamento revela o olhar transgressor da LA, possibilitando um novo conjunto de questões e interesses, tais como: identidade, sexualidade, racismo, homofobia que até então não tinham sido considerados como de interesse da LA.

Diante desses diversos olhares, percebemos que a ampliação do campo de atuação da LA deve-se à consolidação de seu arcabouço teórico e do seu diálogo com o



contexto social contemporâneo, não se limitando apenas ao estudo do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras ou materna, rompendo fronteiras e construindo pontes que conduzirão os linguistas aplicados a novas descobertas, fortalecendo os estudos da linguagem.

Nesse sentido, evidenciamos o que Veronelli (2015) irá denominar de “giro decolonial”, sem negar as contribuições que a modernidade eurocêntrica trouxe à história, mas construindo novas perspectivas epistêmicas que foram subalternizadas pela colonialidade. Assim, a estudiosa a define “a colonialidade não se refere somente à classificação racial, mas a um fenômeno integral e global, enquanto a distribuição das hierarquias, lugares e papéis sociais é racializada e geograficamente diferenciada”.

O olhar transdisciplinar que a Linguística Aplicada (LA) pode ter, conforme Moita Lopes (2009) posiciona os estudos da LA em um espaço de construção de novos epistemes que decoloniza o saber em detrimento à hegemonia da colonialidade do saber que enraíza a transmissão do conhecimento tanto na educação básica quanto na universidade.

De acordo com Kleiman (2013) essa natureza trans – da LA se distancia da Linguística e aproxima dos Estudos Culturais e das Ciências Sociais. Essa ampliação de novos horizontes cria possibilidades de inserir novas vozes, oportunizando que aqueles sujeitos marginalizados sejam ouvidos. Vale ressaltar que desde a década de 1990 os estudos desenvolvidos no campo da LA no Brasil vêm fazendo diálogos com outras áreas, buscando dar voz a quem não tem voz, devido à epistemologia da colonialidade. Nesse sentido, a estudiosa acima citada se posiciona “venho trazer outras vozes latino-americanas, a fim de ‘sulear’ (orientar para o Sul) o debate e questionar a hegemonia ocidental do Norte, ainda imperante na definição dos nossos problemas de pesquisa”.

É necessário sulear a discussão, construindo espaços para que as vozes do sul possam ser manifestadas, mas não somente o ato de falar e sim o de serem ouvidas por outros sujeitos capazes de (re)significá-las dentro de seus núcleos de estudos, adentrando não somente no universo acadêmico (Universidade) e sim ao da escola que oferta a educação básica, pois este é o lugar responsável por construir saberes tanto em crianças quanto jovens. Nesse sentido, Matos (2019) evidencia:



“pensando na América Latina como local em que nos situamos e, a partir do qual, queremos construir memórias que suleiem nossas epistemes, é fundamental que práticas decoloniais permeiem os diversos âmbitos sociais, dentre eles, o contexto, escolar” (MATOS, 2019, p.105).

Sendo assim, é preciso estimular que o ensino de literatura, em especial, a voltada aos escritores e escritoras negros e negras sergipanos(as) esteja presente no espaço escolar para que essas vozes sejam escutadas e compreendidas. Mas antes de evidenciarmos esse cenário é necessário fazer uma reflexão sobre a aplicação da Lei nº 10.639/2003.

Os novos horizontes a partir da homologação da Lei nº 10.639/2003

Percebe-se que a escola, por ser um espaço plural e de transmissão do saber, precisa se apresentar aberta a novos saberes e novas construções de sujeitos, pois não é mais permitido que a ação pedagógica se restrinja a apenas um ângulo, como ocorria há séculos atrás. Sabe-se que é delegada à escola a educação formal de crianças e jovens, desde o século XIV, por ocasião de sua criação. Essa instituição apresenta, assim, grande prestígio na sociedade. É nesse contexto de ensino-aprendizagem que tal instituição promove a circulação de saberes veiculados nas/pelas disciplinas. Isso ocorre a partir de um conjunto de profissionais que são responsáveis pelo seu ensino. Com efeito, só a eles é dado o direito de ensiná-las, de discutir sobre elas, haja vista a aquisição de um poder sobre isso (graduação em licenciatura). Ou seja, para que o profissional seja autorizado a ensinar alguma disciplina numa escola, precisa obter uma autorização para isso, a partir de cursos de formação de professores. Isso significa que, na conclusão de seu curso de formação, esse profissional adquire um poder sobre o que lecionar, como lecionar na escola. Tal aquisição, por seu turno, promove a circulação de determinados saberes em um espaço fechado, segundo algumas regras restritas, fazendo com que a palavra passe por um processo de ritualização (FOUCAULT, 2009). A esse conjunto de sujeitos autorizados para circular os discursos, Foucault (2009) denomina de “sociedades de discurso”.



Quando se observa as mudanças ocorridas através da Lei nº 9394/96 e a implantação da Lei nº 10.639/2003 possibilitando que a História e a Cultura Afro-brasileira sejam trabalhadas no currículo escolar, em especial, na área da Literatura, percebe-se uma legitimação para a presença do olhar decolonial no espaço escolar, mas ainda há muitos caminhos a serem percorridos até que possamos visualizar um cenário mais acolhedor.

Nessa perspectiva, cabe evidenciar o trabalho feito por diversos(as) escritores(as) negros(as) do nosso país e do estado de Sergipe, os quais não têm o reconhecimento como aqueles(as) que são originários de uma posição social superior. Dentre os inúmeros escritores negros sergipanos destaca-se a figura de Santo Souza. Falaremos mais sobre ele no próximo tópico.

Santo Souza é uma representação da ruptura com a epistemologia da colonialidade, pois ele é a força de diversas vozes que foram silenciadas ao longo dos séculos. Essa perspectiva, Veronelli (2015) denomina de “giro decolonial”, sem negar as contribuições que a modernidade eurocêntrica trouxe à história da humanidade, mas construindo novas perspectivas epistêmicas que foram subalternizadas pela colonialidade. Assim, a estudiosa a define “a colonialidade não se refere somente à classificação racial, mas a um fenômeno integral e global, enquanto a distribuição das hierarquias, lugares e papéis sociais é racializada e geograficamente diferenciada”.

É necessário sulear a discussão, construindo espaços para que as vozes do sul possam ser manifestadas, mas não somente o ato de falar e sim o de serem ouvidas por outros sujeitos capazes de (re)significá-las dentro de seus núcleos de estudos, adentrando não somente no universo acadêmico (Universidade) e sim ao da escola que oferta a educação básica, pois este é o lugar responsável por construir saberes tanto em crianças quanto jovens. Nesse sentido, Matos (2019) evidencia “pensando na América Latina como local em que nos situamos e, a partir do qual, queremos construir memórias que suleiem nossas epistemes, é fundamental que práticas decoloniais permeiem os diversos âmbitos sociais, dentre eles, o contexto, escolar”.

Nesse sentido, quando observamos os cânones da Literatura Brasileira nos deparamos com a presença forte de escritores masculinos e com traços coloniais, pois o fato de o Brasil ter sido algum dia colônia de Portugal acaba outorgando um lugar



secundário no universo cultural e literário. Este olhar adentra o espaço escolar e nele permanece.

Por este motivo que assistimos cenas desagradáveis e excludentes, mas este contexto começa a ter novos horizontes quando em 09 de janeiro de 2003, o então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, publicou a Lei Nº 10.639, a qual dispõe uma alteração na Lei Nº 9394/96 estabelecendo a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, podendo os currículos referentes a este universo serem ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Segundo Gomes (2012) esta lei trouxe um novo debate sobre as questões históricas de preconceito e violência contra os negros no Brasil, por tornar obrigatória a inclusão de conteúdos referentes à África nas aulas de Língua Portuguesa, Artes e História, exigindo uma nova postura do professor, possibilitando que o mesmo possa abordar os temas referentes às questões étnico-raciais sem repetir os preconceitos e os estereótipos historicamente construídos na sociedade brasileira.

Mas ainda há um grande desafio a ser enfrentado por professores e estudantes da educação básica, principalmente do Ensino Médio, pois a história do ensino de literatura há muito tempo remete a uma exclusão da leitura ou mesmo do leitor como sujeito, assim afirma Rouxel (2012). De acordo com Rezende (2021) a escola tem a função de formar seus alunos como leitores. Além disso, a escola tem o dever de apresentar os/as escritores(as) locais e não somente aqueles que estão imortalizados nos cânones literários, ou melhor, nos livros didáticos.

É nessa perspectiva que a escola deverá estimular que os seus(as) aprendizes possam pesquisar sobre homens e mulheres sergipanos(as) a fim deles(as) terem contato com a Literatura produzida em seu estado e, em especial, de dos(as) escritores(as) negros(as).

Diante desse cenário, é interessante pensarmos sobre o lugar da literatura produzida por homens e mulheres sergipanos (as). Assim, apresentamos um olhar sobre a produção do poeta Santo Souza.



A Literatura de Sergipe em um espaço decolonial

Sergipe é o menor estado do Brasil, situado na Região Nordeste, e tem a origem de sua toponímia formada pelos elementos siri (siri ou caranguejo), i (água ou rio) e pe (caminho ou curso), formando a expressão “curso do Rio dos Siris”. Faz limite entre Alagoas, ao norte; a Bahia, ao sul e ao oeste e o Oceano Atlântico, a leste.

Sua população, registrada no Censo Demográfico de 2022, é de 2.211.868 habitantes. Tem como capital Aracaju e é composto por 75 municípios distribuídos em 13 microrregiões. Além dessa composição, o estado é agraciado por seis bacias hidrográficas: do rio São Francisco, do rio Japarutuba, do rio Sergipe, do rio Vaza-Barris, do rio Piauí e a do rio Real. Estas bacias estão registradas na bandeira do estado a partir da presença de cinco estrelas no retângulo que compõe o símbolo.

Quanto à cultura o estado é constituído por diversas manifestações tanto no interior quanto na capital. Entre elas pode-se destacar a quadrilha junina, grupos de reisados, grupos de cacumbi, parafusos (manifestação do município de Lagarto), festa de padroeiros (as), movimentos literários etc.

Jackson da Silva Lima (2022) na abertura da Nota Introdutória de sua obra “História da Literatura Sergipana Vol.” traz o seguinte pensamento

“O pequeno Sergipe, de território exíguo e de precárias condições econômicas, tem sido berço de expressivas individualidades nas ciências, letras e artes. É, alguém já disse, celeiro de talentos, de homens que, pelo saber e criatividade, sobreviveram a própria morte e se impuseram à admiração dos pósteros”. (LIMA, 2022, p. 20)

Dentre as expressividades elencadas pelo pesquisador Jackson da Silva Lima destaca-se a literatura escrita por homens e mulheres sergipanos (as). Esta literatura tem um forte destaque no cenário nacional, servindo de inspiração para novos (as) escritores(as).

Em 1971, ele, publicou a primeira edição da referida obra, consolidando um marco da sergipanidade no campo das artes e servindo de guia para os estudiosos (as). Mas vale ressaltar que o princípio das manifestações literárias em Sergipe deu-se com a



publicação do livro *Himnos da Minha'Alma*, 1851, de Constantino Gomes. Inicialmente, a produção literária em Sergipe percorreu o terreno da poesia. Este terreno tem uma fertilidade que vai além do tempo.

Mas antes de abordamos sobre um dos grandes escritores sergipanos, precisamos compreender o que define um(a) escritor(a) ser sergipano e o que seja a literatura sergipana. Sendo assim, recorreremos ao olhar de Lima (2022)

“A primeira observação que nos cabe fazer, é no sentido de não se confundir literatura sergipana, isto é, todo o acervo lítero-cultural preso à nossa realidade, com a simples pessoa de um escritor sergipano de nascimento. Autor sergipano não se identifica jamais com a existência de alguém nascido em nossas plagas. Com isso, queremos dizer que não basta o poeta ou prosador ser natural de Sergipe, para que se possa falar em ou de literatura sergipana.

É preciso algo além do fator nascimento, que é de somenos importância e não passa de um simples acidente biológico geograficamente situado. O que de fato soma e pesa é a vivência, o contexto familiar, a essência da obra, a militância do escritor em nossas letras, razão porque ele pode nascer em nossa terra e não pertencer à nossa literatura, se desvinculado do meio e da cultura sergipana. Para que a obra de um escritor seja incorporada ao nosso patrimônio literário, é preciso, antes de tudo, a integração desse escritor à nossa realidade histórico-cultural”. (LIMA, 2022, P. 31)

Nessa perspectiva, encontramos o poeta José Santo Souza, vulgo Santo Souza. Ele nasceu em 27 de janeiro de 1919 no município de Riachuelo/SE. Filho de uma arrumadeira descendente de escravizados. Estudou até a terceira série do ensino primário e logo cedo teve de trabalhar numa farmácia. Residiu em Riachuelo até os 17 anos, trabalhando em farmácia. Chegando à capital Aracaju continuou trabalhando na área onde aprendeu a manipular medicamentos com o mesmo dom de produção de poemas. Sua aprendizagem neste universo foi solitária. Com o dinheiro das injeções, comprou uma gramática.

Sua estreia na literatura veio mesmo aos 34 anos, com "*Cidade Subterrânea*", numa edição custeada por amigos. Esta obra foi publicada em 1953 e teve Câmara Cascudo como prefaciador e José Augusto Garcez apresentador. Em 1954, publicou



“Cadernos de Elegias” e o início de “Ode Órfica”. Além dessas obras, ainda presenteou o leitor com outras como “Pentáculo do Medo”.

Tornou-se membro da Academia Sergipana de Letras, assumindo a cadeira de nº 44, foi membro correspondente da Academia Paulista de Letras. Nesse período, produziu seus principais poemas. Em Aracaju, não dedicou tempo integral à poesia, trabalhou em várias atividades, inclusive funcionário público. Conseguiu publicar 19 livros de poemas, mas enveredou também na produção de crônicas e novelas para o rádio.

A obra deste poeta é vista pela crítica como uma retomada de elementos clássicos da literatura grega, propondo inovações na metrificação dos poemas e cunhada de questionamentos espirituais cheios de símbolo. Essa espiritualidade estava presente também em sua vida, pois ele era esotérico, lia horóscopo, participava da ordem rosa cruz e tinha os números 7, 13 e 10 como especiais. Além disso, fazia uso de uma linguagem universal.

Diante deste percurso, percebemos como a literatura produzida no estado de Sergipe rompe as fronteiras e consegue chegar a outros universos. Ao analisarmos a trajetória do poeta órfico vislumbramos a conquista de um espaço metrópole que vai além de suas expectativas. Ao conquistar leitores(as) na maior metrópole da América Latina, São Paulo, Santo Souza consegue levar seus textos a um ponto tão elevado que poucos foram os escritores (as) sergipanos (as) a conquistarem tal feito.

O garoto autodidata, negro e não detentor de diploma de ensino superior aterriza na Pauliceia Desvairada ecoando uma voz plural e repleta de significado. É o suleiar (a voz do sul) sendo falada e ouvida em um contexto colonial.

Ao enveredarmos por uma de suas produções perceberemos como o poeta constrói esta voz e a torna tão audível e ecoante em diversos espaços por onde ela é proferida. Uma voz suleada por uma episteme que somente ele é capaz de colocá-la no papel. Vejamos o soneto a seguir:

O Rochedo

Pobre rochedo! Imóvel... E, no entanto,



vive de sol a sol, de inverno a inverno
nessa ânsia de galgar o espaço eterno
alagado de luz de canto a canto

Ao vê-lo assim, calado, eu me consterno!
Não grita. Não protesta. É como um santo,
que abafa sob as dobras de seu manto
os ecos todos do soluço interno.

E, impossível como é, não há quem diga
que há milênios, sem tréguas, o castiga
a matilha feral dos sofrimentos!

Mas quantas vezes, quantas, comovido
eu lhe ouço a voz do coração ferido
gemer nas asas líricas dos ventos...

Este poema, produzido por Santo Souza, penetra nas veias do leitor como o sangue que circunda todo o seu corpo, um medicamento que anestesia o corpo e transforma a mente em um ponto de ebulição.

Esse processo químico é efeito do uso da frase exclamativa que aparece no início da primeira estrofe “Pobre rochedo!”. O rochedo é a metáfora do homem negro que chegou ao nosso país de modo desumano, escravizado. Privado da liberdade foi submetido à dor da saudade e da carne. Assim como o rochedo é forte, imóvel, sem voz e usurpado pelo homem, o negro padece das mesmas características.

Ao fazer esse jogo metafórico, Santo Souza convida o/a leitor (a) a refletir sobre tal aspecto. Esta voz suleada do eu lírico se entrelaça com a do poeta, atravessando os poros e embebedando a alma. O poeta de modo sutil dá espaço a uma voz silenciada por conta de uma hegemonia da colonialidade que tornou invisíveis diversos rochedos.



Essa colonialidade ainda é uma predominante no universo literário brasileiro, pois a herança deixada pelos (as) colonizadores (as) encontra-se em todos os espaços sociais, mas é preciso que escritas como a do poeta sergipano ocupem mais espaço e ecoem o canto decolonial fundamental para repensarmos sobre nossos posicionamentos e rompermos paradigmas.

Ainda dentro dessa perspectiva decolonial cabe fazermos a leitura e análise do poema:

Decreto Número 13:

Pescadores, camponeses, mineiros e tecelãs
(condutores de cansaço, desespero e madrugadas);

e operários – doadores
de força, vida, agonia
e suor para o cimento
as soberbas construções,

depois de muito lutar,
depois de muito sofrer;

CONSIDERANDO que a terra,
na magia de seus atos
transforma em frutos e seiva
o sangue vivo dos homens;

CONSIDERANDO que o vento,
pastor das ondas do mar,
é de todos os que lutam
se quiserem respirar;



CONSIDERANDO que os rios
(o mundo livre dos peixes)
são de todos que têm sede
nesta dura escravidão;

CONSIDERANDO que a noite
(a semeadora de estrelas)
é de todos que semeiam
sementes e construções;

CONSIDERANDO, por fim,
que a lei diz textualmente
no artigo primeiro e único:
“quem não trabalha não come”.

REVESTIDOS dos poderes
que lhe confere a Lei 13,
DE MAIO de qualquer tempo,
aprovada pelo povo
em assembleia,

DECRETAM:

Art. 1º - Fica abolida a miséria
nos lares todos do mundo
e os frutos vindos da terra
serão para os que têm fome.

Art. 2º - Os ventos serão mantidos
à altura das mãos humanas,
como símbolos maduros
da liberdade dos homens.



Art. 3º - Os rios serão o espelho
que há de sempre refletir
as cores arco-irisadas
da total felicidade.

Art. 4º - As noites serão o ventre
na imensa fecundação
da luz mansa do futuro,
da redenção dos que sofrem.

§ único - Para sossego geral
hoje serão fuzilados
miséria, fome, opressão.
fabricadores de guerra,
empresários da desordem,
pilotos negros da morte
destruindo gerações,
ódio, trustes, latifúndio
- tudo e todos que ora vivem
Sugando as forças do mundo
Bebendo o sangue do mundo.

Encontrar esse olhar decolonial na obra de Santo Souza é reacender a esperança, mesmo em tempos sombrios, que “a voz do coração ferido” nunca será sucumbida pelas águas, ventos, fogos, terras, porque a resistência é o combustível desta locomotiva. Que o DECRETO NÚMERO 13 seja ecoado e adentre a outros campos dos saberes para que a voz do poeta seja ouvida e sirva de bússola para novos horizontes através das gerações de estudantes que frequentam as salas de aula.

Considerações Finais



Sabemos o quanto é importante a chegada da escrita de Santo Souza, como de outros(as) escritores(as) negros(as) sergipanos(as), ao chão da escola para que possa construir e reconstruir saberes a partir de uma ótima decolonial. Logo, torna-se necessário que a aplicação da Lei 10.639/03 não seja apenas ativada na semana da Consciência Negra, mas que seja uma constante no cotidiano das escolas sergipanas e brasileiras. Sendo assim, é preciso que nós, professores(as), tenhamos consciência da importância da escrita desses(as) escritores(as) e o quanto seus textos poderão romper paradigmas e lançar luz para novos cenários da vida humana, como fez o poeta órfico sergipano Santo Souza o qual não é conhecido por crianças, jovens e adultos que frequentam as salas de aula das escolas sergipanas.

Referências

FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GOMES, Carlos Magno. **O Modelo Cultural de Leitura**. Nonada Letras em Revista. Porto Alegre, ano 15, nº 18, 2012.

KLEIMAN, Angela. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift para Antonieta Celani**. 1ed. São Paulo: Parábola, 2013, p. 39-58.

LIMA, Jackson da Silva. **História da Literatura Sergipana: volume I**. 2 ed. – Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. Decolonialidade e currículo: repensando práticas em espanhol. In: MENDONÇA E SILVA, CLEIDIMAR APARECIDA (Org.). **América Latina e língua espanhola: discussões decoloniais** – 1. Ed – Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 332.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa de. SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Sergipe Panorâmico: geográfico, político, econômico, cultural, turístico e social**. Aracaju/SE: EDUNIT, 2021.

MENEZES, Vera; SILVA, Marina Morena; GOMES, Iran Felipe. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, Regina Celi;



ROCA, Pilar. **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 25-50.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. (Org.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.

REZENDE, Neide Luzia de. **Leitores em diferentes tempos: A recepção do Conto Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector**. Revista Interdisciplinar, São Cristóvão, UFS, v. 35, 2021.

ROCHA, Décio, DAHER, Del Carmen. **Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar?**. DELTA [online]. 2015, vol.31, n.1, pp.105-141.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?**”. Cadernos de Pesquisa (São Paulo), v. 42, n. 145, 2012a.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **A literatura sergipana – —males de origem, — bens de formação: a saga de uma escrita de Sergipe por Sergipe**. Ponta de Lança. São Cristóvão, V. 5. N. 10. 2012.

SILVA JÚNIOR, Antônio Carlos; MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. **Linguística Aplicada e o SUEar: práticas decoloniais na educação linguística em espanhol**. Revista Interdisciplinar SUEar, UEMG, Ano 2, No. 2 (setembro/2019) Edição Especial Dossiê SUEar.

SOUZA, Santos. **A construção do Espanto**. Aracaju. Sociedade Editorial de Sergipe, 1998.

SOUZA, Santo, **Pássaro de Pedra e Sono**. 4 ed. - Aracaju - Editora SEDUC, 2022

VERONELLI, Gabriela Augustina. **Sobre la colonialidad del lenguaje**. Revista Universitas Humanística. Bogotá, n. 81, p. 33-58, 2015.

https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Previa_da_Populacao/POP2022_Brasil_e_UFs.pdf. Acessado em: 28/07/2023.